ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

A Cultura Urbana nos Subúrbios Cariocas: Uma análise das relações de sociabilidade suburbanas ao longo do século XX.

Autores:
Rafael Mattoso - PROURB/UFRJ - rafaelmattoso@yahoo.com.br

Resumo:

Esta trabalho tem como objetivo aproximar-se, por meio da História da Cidade e do Urbanismo, de uma investigação da vida social e das experiências cotidianas de um grande número de moradores dos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro. Buscando promover uma análise mais detalhada dos particulares mecanismos de habitação e sociabilidade, nos aprofundando no cotidiano de parte dos agentes que edificaram suas moradias nos bairros suburbanos, entre 1900 e 1930. Analisando o processo de edificação de residências populares, e a formação de redes de identidade e sociabilidade suburbanas adotamos como limites territoriais desta investigação histórica no bairro do Engenho Novo, que compunham a antiga freguesia de Inhaúma. Acreditamos que as edificações suburbanas, principalmente as casas populares, podem ser objetos legítimos para a compreensão da história da cidade. Assim, admitimos que a arquitetura suburbana nos proporciona um vasto campo de estudo das suas representações.

A Cultura Urbana nos Subúrbios Cariocas: Uma análise das relações de sociabilidade suburbanas ao longo do século XX

APRESENTAÇÃO

Subúrbios cariocas referem-se a uma vasta, populosa e heterogênea região da Metrópole do Rio de Janeiro – diversa das áreas suburbanas identificadas com as problemáticas da dispersão e homogeneização. Não há como precisar os limites dos subúrbios cariocas, mas, para uma grande parcela da população residente no Rio, coincidem com a maior parte da região norte e oeste da metrópole, e principalmente, identificam-se pela contraposição a uma região consolidada central que se estende do Centro à Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes passando pela Zona Sul. Tendo como referência esta localização presente no imaginário da população do Rio, os subúrbios abrigam aproximadamente 70% da população municipal, têm uma existência urbana intensificada a partir de princípios do século XX, e caracterizam-se tanto pela desqualificação dos seus espaços públicos quanto por uma rica e negligenciada cultura urbana que se expressa e manifesta de diversas maneiras.

As formas urbanas que compõem os subúrbios cariocas são comumente retratadas como homogêneas nas visões passadas pelo cinema, dramaturgia, música popular e literatura. Porém, no universo suburbano, o que se verifica são formas de ocupação muito diferenciadas, que correspondem a processos históricos e urbanos particulares. Ao mesmo tempo em que configuram práticas sociais, costumes e concepções de mundo, impedem, impulsionam ou propiciam o desempenho de ações humanas. Deste modo, em cada singular tecido suburbano se desenvolveram modos de viver e agir diferenciados ao longo do tempo. Entretanto, há simultaneamente uma condição identitária repleta de similitudes experimentada pelos seus moradores, construída igualmente ao longo de sua história.

Os subúrbios cariocas apresentam um poder de resistência através de adaptações ou contraposições a estruturas dominantes, percebidas em ações e interações espontâneas e variadas e no seu cotidiano. Esses movimentos individuais ou coletivos podem se constituir em "táticas" (CERTEAU, 2014 [1980]) conscientes ou inconscientes de permanência no território. A imagética sobre os subúrbios cariocas estão evidenciados em trabalhos no campo da geografia histórica e urbana (BERNARDES, SOARES, 1987; ABREU, 1987; FERNANDES, 1996, entre outros), que apresentam o papel de ideologias difundidas por grupos dominantes para criação do conceito de subúrbio.

Para identificar a capacidade - comum aos agentes produtores dessas vivências suburbanas - de resistência a processos homogeneizantes de configuração espacial, e verificar singularidades identitárias em cada um dos subúrbios analisados através da construção de novos modos de ação e interação revertidos nas formas urbanas, adotamos um contexto teórico-metodológico que privilegia: uma aproximação na escala microlocal (SOUZA, 2015), cuja investigação permite uma compreensão das formas urbanas associada às práticas da vida cotidiana; um estudo comparativo entre dois subúrbios cariocas, que apresentam lógicas próprias no seu processo de integração à malha urbana; uma abordagem que entrecruza um estudo morfológico baseado na análise das múltiplas formas de expressão espacial e arquitetônica dos tecidos urbanos, com uma interpretação que dê conta de aspectos interdisciplinares do estudo urbano e da escala metropolitana, incluindo processos históricos da formação urbana.

A investigação na escala microlocal propicia uma análise do caráter do tecido urbano (PANERAI, 2006), através da leitura da divisão da cidade em vias, quadras, lotes e edifícios, em sua relação com o ambiente no entorno, propiciando revelar aspectos do dia-a-dia, como, por exemplo, do grau de sociabilidade apresentado pelas áreas livres, indissociável da pesquisa sobre valores identitários. Esta escala favorece também conhecer com maior profundidade áreas do "tecido ordinário" (HABRAKEN, 2001), tratadas menos frequentemente em trabalhos que priorizam tecidos excepcionais ou fazem a sua leitura de modo genérico.

Tal como afirma Flávio Villaça (1998, p. 372), concordamos que todo espaço urbano constitui-se de um conjunto de localizações que são produzidas através do trabalho humano, onde as classes sociais lutam pelas mudanças, assim como pelo controle da produção neste espaço desigual. Estas lutas se estabelecem nas três esferas da totalidade social: o campo econômico, político e ideológica.

LEFEBVRE (1976), que procurou em sua obra analisar a influência do sistema capitalista no espaço urbano, já nos alerta para o fato de que todo espaço social possuí sempre uma representação carregada de interesses ideológicos. No caso do subúrbio essa representação passou a gradualmente representar, principalmente, os interesses de parte da elite republicana, que através do trinômio trem-proletário-subúrbio buscou de fato concretizar um modelo de ocupação para a região.

A segregação socioespacial na metrópole do Rio de Janeiro tem sua origem em processos históricos associados a escolhas políticas e interesses econômicos que ao longo do

tempo resultaram na conformação de porções territoriais com características socioeconômicas, físico-ambientais e de infraestrutura urbana, bastante diferenciadas, nas direções norte, sul e posteriormente oeste do seu centro histórico. Nessas áreas que viriam a ser referidas como zona norte, zona sul e zona oeste, os mais diversos produtores do espaço urbano, espontaneamente ou absorvendo concepções urbanísticas que germinavam desde o século XIX nos países da Europa e nos Estados Unidos, foram configurando distintamente a cidade.

Acreditamos ser primordial a formulação de uma concepção dialética sobre os espaços da cidade. Assim, nos empenhamos em não repetir o recorrente erro de desconsiderar a importância estratégica das antigas freguesias rurais, atuais subúrbios, na construção do tecido metropolitano.

Buscamos analisar, no "campo das experiências sociais", através História da Cidade e do Urbanismo, como se processaram as disputas entre os principais agentes históricos em meio ao espaço material e imaterial da cidade (em suas ruas, fabricas, vilas operarias, casas e mentalidades), diretamente envolvidos no contexto de implantação das dinâmicas próprias à organização capitalista no Brasil, que segundo o nosso entendimento, ocorreram majoritariamente durante as primeiros décadas republicanas.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo aproximar-se, por meio da História da Cidade e do Urbanismo, destes campos de investigação da vida social e das experiências cotidianas de um grande número de moradores dos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro. Buscando promover uma análise mais detalhada dos particulares mecanismos de habitação e sociabilidade, pretendemos nos aprofundar no cotidiano de parte dos agentes sociais que edificaram suas moradias nos bairros suburbanos

Para melhor entender as origens e a contextualização da história dos subúrbios cariocas faz-se necessário retroceder ao passado colonial da cidade do Rio de Janeiro. Principalmente, ao momento em que os limites da Guanabara alargavam-se através das sesmarias doadas por Estácio de Sá aos jesuítas, em 1565. Nos entornos desta Baía, após a guerra de fundação da cidade, começavam a surgir partes significativas da zona rural, que englobavam o extenso Vale de Inhaúma, futuramente dividido entre as terras de Irajá e Inhaúma. Ao longo deste extenso território encontravam-se, importantes propriedades agrícolas "cerca de 40 fazendas voltadas para o abastecimento interno, assim como 15 engenhos", segundo (SANTOS: 1965, p. 74). As três principais fazendas pertencentes

originalmente ao domínio jesuíta estavam divididas entre Engenho Velho, Engenho Novo e São Cristóvão, mais próxima do centro urbano.

A criação da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá em 1664, pelo padre Antônio Martins Loureiro, retrata bem a necessidade de novas áreas produtoras de gêneros agrícolas, tanto para o abastecimento interno da colônia, quanto para atender aos interesses agroexportadores metropolitanos. Data dos primeiros anos do século XVIII a construção de um novo e importante engenho jesuíta (1707), assim como de uma capela dedicada a São Miguel e Nossa Senhora da Conceição (da década de 1720). Esta região, porta de entrada para as freguesias de Inhaúma e Irajá, seria mais tarde conhecida como Engenho Velho. É neste contexto que o papel das freguesias rurais, como abastecedoras de gêneros alimentícios, ampliava-se gradualmente devido ao aumento no número de expedições e migrantes destinado a esta capitania.

> "Inhaúma era a mais importante paróquia rural ou suburbana, com comércio regular e manufaturas de couro e barro, principalmente. A atividade agrícola envolvia a lavoura de arroz, milho, feijão, batata, legumes e frutas variadas. O vale de Inhaúma estendia-se para os sertões, abrangendo também o Andaraí e o Engenho Novo". (SANTOS, 1987, p. 48).

No crescente movimento econômico e social do setecentismo carioca temos a elevação da freguesia de São Tiago de Inhaúma, antes pertencente à freguesia de Nossa Senhora da Apreciação do Irajá, à categoria de primeira freguesia rural do Rio de Janeiro. Por volta de 1759, tem início a campanha de desmonte dos domínios territoriais jesuíticos. As fazendas e engenhos da zona rural se repartem em sua maioria em pequenas e confortáveis chácaras em arrabaldes próximos a cidade em expansão. Neste processo se originam, de forma incipiente, o que futuramente seriam as zonas norte e sul da cidade, junto a uma gradual concentração populacional nestas terras.

Após a instalação da Corte, os limites administrativos e sociais seriam completamente modificados e a cidade passaria a se expandir para muito além do Campo do Santana, com aumento significativo da população carioca, que em menos de duas décadas decolou de aproximadamente 100.000 habitantes em 1822 para 135.000 por volta de 1840. Este crescimento acaba por transferir parte do deslocamento habitacional em direção às freguesias rurais mais próximas: Engenho Velho, Engenho Novo e São Cristóvão.

Apesar de não ser o único elemento responsável, da presença dos eixos ferroviários decorreria posteriormente, durante as décadas de 1870 a 1930, uma reconfiguração da

estrutura geográfica da região suburbana, com a intensificação e o direcionamento da sua ocupação espacial em momentos, ritmos e direções diferentes. Inaugurada em 1858, a linha férrea se estendia do centro da cidade para as freguesias rurais, seguindo basicamente os eixos que futuramente seriam conhecidos como os subúrbios da Central e da Leopoldina. Suas estações principais localizavam-se no Campo de Santana, São Cristóvão, Engenho Novo, Cascadura e Deodoro, destinadas inicialmente a escoar a produção cafeeira do Vale do Paraíba, gradativamente viram por onde seus trens passavam a contribuir para a redistribuição da população antes concentrada no centro da Capital.

Em 1873, fruto de outra incisão urbana na freguesia do Engenho Velho e parte de Inhaúma, teremos a criação da freguesia do Engenho Novo, possibilitada em muito pela evolução de transportes coletivos como o trem e o bonde, aumentando o desenvolvimento da área suburbana e dos novos bairros residenciais.

> "De 1889 para cá Inhaúma começou a progredir dia a dia, e edificando-se em vários pontos da vasta e populosa freguesia confortáveis prédios que podem competir com os melhores das freguesias urbanas. Foram retalhados os terrenos antigas fazendas que aqui ainda existiam (...)". (SANTOS. 1965, p. 75).

O rápido aumento populacional das antigas freguesias rurais, principalmente, a partir de 1890, ocorre concomitantemente ao aumento no número de passageiros nos trens suburbanos, tal como do aumento do número de logradouros e da proliferação de loteamentos. Estes dados acabaram por tornar óbvio o alto nível de transformação a que estavam sendo submetidas estas freguesias.

Ainda Segundo Pechman (1985), por meio de um processo de loteamento, foram abertas mais de dez ruas nas antigas terras da família Duque Estrada Meyer. Assim, teriam sido dados os primeiros passos que originaram alguns dos importantes bairros da antiga freguesia do Engenho Novo, tais como: Meyer, Boca do Mato, Lins de Vasconcelos, Cachamby, Maria da Graça, Del Castilho, Todos os Santos, Jacaré, Engenho Novo e Benfica.

Fica claro que os índices elevados de crescimento populacional para regiões suburbanas até então menos ocupadas, após o segundo quartel do século XIX, representam uma realidade de expansão urbana independente de um projeto de ocupação idealizado por uma minoria politicamente favorecida pelo viés autoritário do poder republicano. Eles apontam para a necessidade de absorção de uma parte significativa do grande contingente populacional da cidade que a partir de então não para de aumentar. O caráter basicamente

residencial da ocupação por pessoas integradas na vida econômica da cidade, com forte presença de estabelecimentos comerciais, e de alguns significativos empreendimentos industriais, revela características comuns às que haviam em outras regiões da cidade. No entanto, devemos acrescentar que a complexidade e particularidades do processo da própria formação dos subúrbios cariocas nos obriga a adoção de uma separação interna entre as características históricas e geográficas de cada um dos subúrbios propriamente dito, para sua melhor compreensão.

Nosso olhar crítico para os processos de segregação socioespacial, infelizmente ainda bastante persistentes na Metrópole contemporânea, busca potencializar a rica e complexa rede de vivências dos moradores das regiões suburbanas da cidade do Rio de Janeiro. Logo, tentamos desmontar que a persistência do uso equivocado do topônimo subúrbio visa enublam uma visão positiva, sendo pertinente reafirmar que esta transformação na utilização da palavra fora fruto de um processo histórico, trilhado através de uma tentativa de exploração dos trabalhadores suburbanos, sempre passível de resistência.

> "... objetivo é demonstrar o alto grau de exploração a que está sujeita a força de trabalho que aí reside. Tanto por parte do capital como do Estado (...) também analisar as formas de reação a essa exploração, simbolizadas sobretudo pelas lutas que se estabelecem em prol de uma distribuição mais justa do produto social, e da melhoria de qualidade de vida." (ABREU, 1987, p.19)

Acreditamos que nosso trabalho pode revelar que os subúrbios cariocas são multifacetados e plurais, pois cada área chamada de subúrbio terá suas particularidades, assim como suas próprias relações socioculturais.

Encontramos nesta parte da cidade características comuns a uma ocupação urbana composta, majoritariamente, por uma população economicamente ativa, de caráter basicamente residencial, com forte tendência comercial, além de possuir uma significativa gama de atividades industriais. No entanto, devemos esclarecer que a complexidade dos subúrbios nos obrigam a adoção de uma separação interna entre as características históricas e geográficas de cada subúrbio propriamente analisado.

Também apontamos que em meio a toda pluralidade existe algumas similitudes relevantes, tais como o fato de um grande número de residências suburbanas ostentar em suas fachadas a data de edificação, diferentes temas e formas entalhadas em seus frontões, mosaicos de azulejos, motivos religiosos, escritos em latim, algarismos romanos, pinturas e

esculturas de diversos estilos que acabam por conceder uma maior identificação entre aos seus proprietários.

Estas marcas também possibilitava uma maior identidade entre os mesmos moradores que passaram a se associar através de elementos comuns, tais como: nacionalidade, religiosidade ou até mesmo por grupos familiares. Todas estas características evidenciam uma integração dos espaços de moradia com as ruas, clubes, igrejas, botequins, campos de futebol e qualquer outro lugar que fosse socialmente importante para o convívio harmonioso entre seus moradores.

Demonstramos como alguns mecanismos espontâneos e outros previamente planejados de resistência afloraram na prática, no curso desta nova experiência suburbana. De que forma este "corpus social" em construção buscou desenvolver laços de identidade, redes de sociabilidade e ajuda mútua, para criar uma aparente identidade cultural em meio a tanta diversidade econômica e social.

Por acreditarmos que ainda são poucos os estudos que enfatizam, através do foco na analise das experiências suburbanas e de suas formas particulares de resistência, os limites das ações do Estado frente as negociações e conflitos gerados pelas reivindicações populares. Neste trabalho procuraremos inverter esta perspectiva, acreditando ser possível fazer uma "história das experiências suburbanas vista por baixo", no sentido de incluir os grupos populares no curso desta importante análise. Tal como sugere parte do grupo da História Social Inglesa e particularmente E. P. Thompson.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. A Periferia de Ontem: O Processo de Construção do Espaço Suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930). Rio de Janeiro, In: Espaço e Debates, 1987.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti e SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro: Cidade e Região e Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura do rio de Janeiro, Ed. Biblioteca Carioca, 1987.

EL-KAREH, Almir C. Quando os subúrbios eram arrabaldes: um passeio pelo Rio de Janeiro e seus arredores no século XIX. In: OLIVEIRA, Marcio P; FERNANDES, Nelson N. 150 anos de subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj. EdUFF, 2010.

DE CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 21. ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2014.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio: O Rio de Janeiro 1858-1945". (Mestrado) Dissertação em Geografia, PPGG/UFRJ, Rio de janeiro,1996.

HARVEY, David. A Espaços de Esperança. São Paulo: Loyola, 2004.

LEFEBVRE, Henri. Espaço e Política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GERSON, Brasil. História das ruas do Rio. Rio de Janeiro, Lacerda Ed. 5º edição, 2000.

MACIEL, Laura A. Outras memórias nos subúrbios cariocas: o direito ao passado. In: OLIVEIRA, Marcio P; FERNANDES, Nelson N. 150 anos de subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj. EdUFF, 2010.

PECHMAN, Robert Moses. A Gênese do Mercado Urbano de Terras: A Produção de Moradias e a Formação dos Subúrbios no Rio de Janeiro. (Mestrado), Dissertação em Planejamento Urbano e Regional, UFRJ/IPPUR, Rio de Janeiro, 1985.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade. São Paulo, Editora: Martins Fontes, 1995.

SANTOS, Francisco Agenor de Noronha. As Freguesias do Rio Antigo. Rio de Janeiro, Ed. Cruzeiro, 1965.

SANTOS, Francisco Agenor de Noronha. Meios de Transporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2° edição/Ed. Biblioteca Carioca, 1996.

SANTOS, Joaquim Moura dos. Contribuição ao Estudo da História do Subúrbio do Rio de Janeiro: a Freguesia de Inhaúma de 1743 a 1920. (Mestrado), Dissertação em História, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro,1987.

SANTOS, Joaquim Moura dos. História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental História, Revista Ciências, Saúde Manguinhos, Rio de Janeiro, 2000.

SANTOS, M. Território e sociedade: entrevista com Milton Santos. Fundação Perseu Abramo: SP. 2000

SOARES, M. T. S. Divisões principais e limites externos do Grande Rio de Janeiro. In: AGB, 1958- 1959, 1960, São Paulo., 1958-1959, p. 187-205.

SOUZA, Mônica C P. Cidade e memória: a Zona Sul e subúrbios cariocas marcando papéis e posições simbólicas. Comunicação, Consumo, Memória: cenas culturais e midiáticas, do 4º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 08, 09 e 10 de outubro de 2014.